

## **CATEGORIZAÇÃO DE TEXTO MULTIMODAL DE REVISTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA POPULAR BRASILEIRA**

Francis Arthuso Paiva (Coltec-UFMG)

### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo analisar um exemplar do gênero multimodal infográfico extraído da revista Superinteressante no tocante a sua integração multimodal de informações, com base na Gramática Visual de Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]) e Gramática Sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen (2004). Em vários textos multimodais como nos infográficos, o leitor é exposto simultaneamente a todas as informações, cabendo a ele tomar a decisão sobre o que ler. Essa análise confirmou não apenas essa simultaneidade como também reforçou a noção de integração das modalidades em um infográfico. Constatamos haver uma categoria de infográficos na revista Superinteressante a que demos o nome de infográficos de orientação ao conhecimento.

**Palavras-chave:** Multimodalidade, Gêneros jornalísticos, Infográficos.

### **ABSTRACT**

This paper has the aim to analyse an instance of a multimodal genre infographic extracted from brazilian magazine Superinteressante regarding the integration of multimodal information based on the Visual Grammar, Kress and Van Leeuwen (2006 [1996]) and Systemic-functional Grammar, Halliday and Matthiessen (2004). In several multimodal texts as in infographics, the reader is exposed simultaneously to all information, leaving him make the decision about what to read. This analysis confirmed that not only simultaneously but also reinforced the notion of integration of modalities in an infographic. We note there is a category infographics of Superinteressante magazine that we gave the name of knowledge orientation infographics.

**Keywords:** Multimodality, Journalistic genres, Infographics.

## 1. Introdução

O infográfico é um gênero textual que integra modalidades semióticas de modo mais ou menos proporcional, a fim de explicar como funciona um objeto, como ocorrem fenômenos bio-físico-químicos ou como é ou foi um fato geo-histórico; circula nas esferas jornalísticas e didáticas, integrado a outros gêneros textuais com os quais cumprem um objetivo único ou utilizado como único gênero na veiculação de um discurso (PAIVA, 2008: p.74 ).

A constante nos infográficos é a integração muito proporcional das modalidades semióticas utilizadas, sobretudo, no caso da nossa pesquisa, as modalidades verbais e visuais. Já sabemos que a integração entre as modalidades é inerente aos discursos, que são permeados por diferentes modos de dizer, porém há um contínuo entre os textos com maior e menor integração entre as modalidades. Há textos como notícias cujas imagens apenas as ilustram, porém há textos como as HQs em que a integração entre verbal e visual é altamente proporcional, assim como nos infográficos.

O objetivo deste artigo é investigar a simultaneidade de informações presentes no infográfico. Kress (2008) já discorre sobre essa necessidade contemporânea de veiculação de muitas informações simultaneamente. Para demonstrar que o infográfico faz parte dessa nova escrita (a new writing proposta por Kress), utilizaremos as ideias centrais da gramática visual de Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]) para analisar a modalidade visual e os critérios da gramática sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen (2004), em que se baseia a gramática visual, para analisar a metafunção ideacional na modalidade verbal. A compatibilidade entre essas duas teorias – uma vez que esta serviu de base para aquela, utilizando-se inclusive dos principais critérios de classificação – nos ajudará a demonstrar como as modalidades verbal e visual concorrem simultaneamente, cada qual com informações distintas, mas confluentes, sem se anularem, havendo integração entre elas, respaldando-nos de afirmar agora que o infográfico, além de integrar modalidades semióticas proporcionalmente, também o faz de forma simultânea.

## 2. A gramática do design visual – o ideacional no visual

O livro *Reading images* (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006) é uma tentativa de criar critérios para a análise da gramática do visual. Para os autores essa gramática “é culturalmente específica; não universal” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006: p. 04). Isso quer dizer que, como eles mesmos frisam no livro, o ocidente cria maneiras de produzir o visual e valoriza essas maneiras, havendo diferença até mesmo dentro do mundo ocidental, ou de pessoa para pessoa.

Baseados na gramática sistêmico-funcional, eles propõem que o visual também se organiza em três metafunções, porém os elementos que materializam essas funções, é claro, são visuais. Eles estabelecem, na medida do possível, relações entre o linguístico e o visual, ressaltando que são modos semióticos diferentes com limitações e habilidades diferentes. Os processos da metafunção ideacional no visual se dividem em duas estruturas representacionais: Narrativa e Conceitual (o conceitual se divide em Classificacional, Analítica e Simbólica). A estrutura narrativa possui processos análogos ao processo material do linguístico (fazendo, acontecendo). Já a estrutura Conceitual é análoga aos processos relacional, comportamental, existencial e verbal.

O processo mental por sua vez “tem uma categoria pequena no visual, porque é difícil distinguir visualmente entre cognição e afeição”. (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006: p. 77). Se no processo material temos os participantes ator e meta participando de um processo como vimos na gramática sistêmico-funcional, a gramática visual aponta os vetores entre os participantes da imagem como o processo. Esses vetores são linhas que se formam entre os participantes. A imagem de um homem atirando em outro homem possui como participante ator o homem que realiza o processo e o outro participante meta o homem que recebe essa ação. O processo, na imagem, é o vetor que parte do participante ator e vai até a participante meta que recebe a ação. Há também as circunstâncias de local como a posição dos participantes no primeiro plano e fundo, bem como a posição de outros participantes, que não precisam ser necessariamente humanos. Circunstâncias de meio como o instrumento, no caso do exemplo a arma usada pelo participante ator.

Assim como há orações complexas subordinadas ou encaixadas na linguagem, há também, no visual, imagens encaixadas: processos menores encaixados em maiores, o que forma uma estrutura multidimensional.

Vejamos, em anexo, o quadro dos tipos de processos existentes na estrutura narrativa.

### 3. A construção do infográfico

Nosso intuito é demonstrar como os modos verbais e visuais podem apresentar em um mesmo texto informações distintas para um mesmo fim e simultaneamente.

Kress e Van Leeuwen (2006: p.113) já demonstraram que não há apenas a relação de ancoragem entre verbal e visual:

As palavras e a figura se complementam umas as outras. A figura não ilustra a história, mas a continua. (...) Elas são parte de um texto concebido de modo multimodal, em que a cada modo, o verbal e o visual, é dado um papel definido e equivalente.

Acreditamos que o processo de criação do infográfico seja mais complexo do que isso. O infográfico utiliza-se do modo verbal e visual, cada qual com estruturas diferentes, sem que o verbal seja apenas elaboração (ancoragem) do visual.

A estrutura do infográfico não é linear, em que a imagem vem na sequência do texto verbal, mais o completando do que efetivamente mesclado a ele. Essa não linearidade proporciona, acreditamos, a simultaneidade característica do infográfico, ao integrar os modos e ao integrar informações, distintas, mas não excludentes.

Kress (2008) cita as páginas da Web como grande exemplo de textos que proporcionam ao leitor várias informações simultaneamente. Sim, mas a Web é um meio eletrônico, cuja principal característica são os links que interconectam textos, bastando o internauta clicá-los a sua escolha. Há infográficos eletrônicos também, que utilizam links inclusive e até outros modos semióticos como sons e movimentos. No entanto, o objeto neste estudo são infográficos em meios convencionais como revistas, de papel. Esses infográficos são bons exemplos de que a multimodalidade gera textos com exposição simultânea de informações.

## 4. Análise

O texto analisado é um infográfico porque explica como é uma operação de combate na guerra do Iraque, um fato geo-político, além de ter como suporte a revista Superinteressante, especialista em fazer divulgação de ciência e tecnologia para leigos. Textualmente utiliza-se dos modos verbais e visuais. Portanto, muito próximo do que definimos em Paiva (2008: p.17) de infográfico didático:

O infográfico jornalístico é utilizado para complementar a informação veiculada em uma notícia ou reportagem e geralmente explica um fato trazido nesses textos com propósito de explicar como ele funciona, como aconteceu ou age. Por outro lado, há circunstâncias em que o infográfico possui caráter didático, ao apresentar-se sem o acompanhamento de uma reportagem ou notícia.

A função do infográfico *Insurgência máxima* é responder a pergunta-título: como são as emboscadas aos americanos no Iraque? Ele realiza isso sem auxílio de uma reportagem que o acompanha. Essa é a principal característica dos infográficos didáticos.

Os infográficos, principalmente os didáticos, são formados por um pequeno texto introdutório, uma figura ou um conjunto delas e legendas que acompanham essas figuras. Pode haver ainda quadros, tabelas e outros gêneros que auxiliam nas informações, o que os tornam gêneros de textos híbridos. “Como hibridismo genérico ou intergenericidade ou até mesmo intertextualidade intergêneros, entende-se a mescla de gêneros textuais distintos com a finalidade de criar um novo”. (MARCUSCHI, 2002: p. 31).

O infográfico *Insurgência máxima* possui essa formação, como podemos ver a seguir:

**FIGURA 1**  
**Infográfico Insurgência máxima (Fonte: Revista Superinteressante)**



## 5. Metafunção ideacional – o verbal

### TEXTO INTRODUTÓRIO



#### 1º Parágrafo

Metafunção ideacional AOR	Processo	participante	circunstancial	modalidade
	Foco no Material	Materia	Tempo	Condição de realização

1º parágrafo - 1ª frase do 1º parágrafo  
AOR - Projeto Material

o	de tempo	uma referência ao tempo	é decorrente
condição	de realização do tempo	Apresenta grupo verbal "a seguir" "Material" e "é decorrente"	Foco no material, ponto

1º parágrafo - 2ª frase do 1º parágrafo  
Processo material - o

Quando	de realização	de	de tempo
Condiciona	de	Material	Foco no material

1º parágrafo - 3ª frase do 1º parágrafo  
Processo material - o

o	de	de tempo	de tempo
condiciona	Foco no	Processo material, ponto, ponto	condiciona
		de tempo	

1º parágrafo - 4ª frase do 1º parágrafo  
AOR - Foco no material

o - de tempo

de tempo - de tempo

de tempo - de tempo



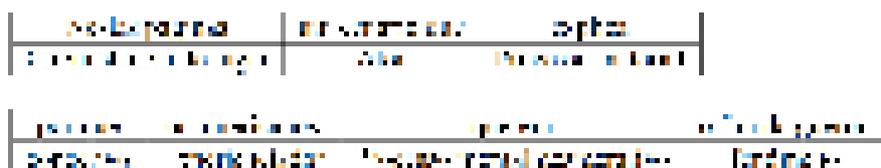
O segundo parágrafo apresenta um ponto de vista a respeito do fato narrado no primeiro. Há o uso do processo relacional, que atribui e identifica. Na oração “onde os explosivos artesanais são as grandes estrelas” temos o processo relacional identificativo intensivo. Esse processo possui dois participantes Característica/valor e identificado/identificador. Neste caso, temos o grupo nominal *os explosivos* como característica/identificado e o grupo nominal *as grandes estrelas* como valor/identificador. Há relação de equivalência entre eles. A anteposição do epíteto *grandes* ao núcleo *estrelas* deixa-o interpessoal, como uma avaliação pessoal do locutor, ainda mais reforçada pelo uso do dêitico específico o artigo *as*. (HALLIDAY, 2004: p. 319)

Outra oração também utiliza o processo relacional, porém, atributivo. Em “Essa fragilidade é mais aparente em Mosul” Essa fragilidade é portador e mais aparente é atributo. O grupo nominal Essa fragilidade possui um determinante específico, que no discurso retoma o fato anterior, introduzindo um núcleo que tem como origem um epíteto – fragilidade- frágil – epítetos nessa posição têm função de pós-dêitico, ou seja, também ajuda o leitor a se situar no espaço-tempo. Há uso de outro epíteto no grupo nominal atributo *mais aparente*. O epíteto *aparente* é intensificado com o *mais*. Quando se usa um epíteto como núcleo do participante atributo, este é classificado como de qualidade. Isso denota avaliação do locutor sobre o que diz.

Ambas as orações são relacionais. Possuem estruturas idênticas: dois participantes formados por grupos nominais e um grupo verbal formado por verbo de ligação. No entanto, é possível diferenciá-las entre relacionais atributivas e identificativas seguindo o princípio da reversibilidade (HALLIDAY, 2004: p. 215), de acordo com o qual nas orações do processo relacional identificativo podemos inverter os participantes, o que não é possível no processo relacional atributivo. Não é comum ouvir: “Mais aparente em Mosul é essa fragilidade”. Gramaticalmente está correta, contudo temos que frisar o princípio da gramática sistêmico-funcional de estudar a língua em uso, corrente, que aceita “onde as grandes estrelas são os explosivos artesanais” ou “onde os explosivos artesanais são as grandes estrelas” ambas do processo identificativo. Apesar dessa diferença, as duas são intensivas, pois se centram no que o portador é como atributo ou valor dele.

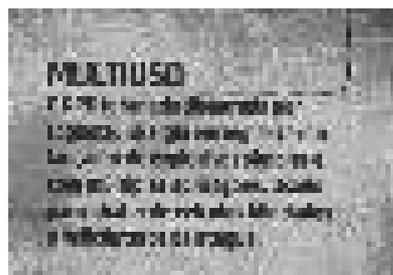
Trabalhamos essas duas orações não apenas para demonstrar como esse parágrafo é do sendo e não do fazendo e acontecendo como no processo material, além de ser mais opinativo em relação ao outro, mas também para exemplificar como é o processo relacional, predominante no modo verbal do infográfico, como veremos ao analisarmos as legendas. Outro processo que aparece neste parágrafo é o verbal para introduzir uma citação. Nas considerações, veremos mais sobre o posicionamento do locutor do infográfico.

### 3º Parágrafo



O parágrafo final termina com uma circunstância de lugar funcionando como dêitico, fazendo referência à imagem do infográfico e um processo mental, o processo do sentir. Os participantes são o experienciador e o fenômeno. É desiderativo porque o grupo verbal formado pelo verbo *querer* é usado com o argumento de desejo.

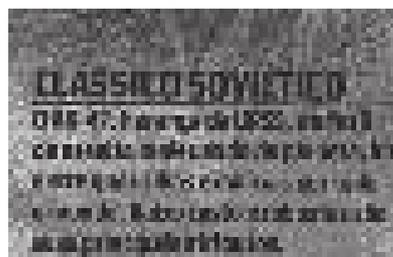
LEGENDA 1



Q EPO (gramática preparada por seguinte, na língua em inglês)	e	tem linguagem de explusivos simples e com múltiplas aplicações.
Portador desta oração e ator da seguinte	Processo relacional atributivo intensivo	Atributo

(2) Usado-	para abster de veículos blindados e helicópteros de ataque.
Processo material passivo	sujeito

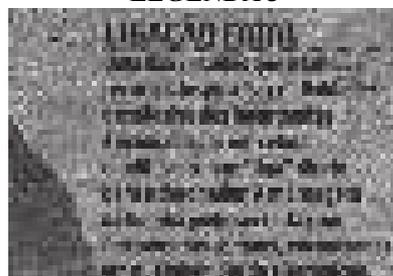
LEGENDA 2



QAK-13, herança de LBSK,	e	o furo de voalha neste navio de guerra, foi entre guerrilha e milícias parciais e rurais.
Contextualiza- Identificada	Processo relacional Identificativo intensivo	Valor identificativo

Baixa voz e robótica	sujeito	sem principal utilidade
Valor identificativo	Processo relacional identificativo intensivo	Contextualiza-Identificada

LEGENDA 3

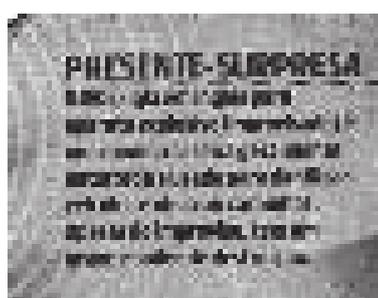


Usado para Contextualiza- Identificado	que	utiliza sujeito	sujeito	e	Contextualiza- Identificado
Contextualiza- Identificado	sujeito	Ator	Processo relacional Intensivo com explusivos e participação	Processo relacional Identificativo	Valor Identificado

e explusivo das sujeito	e utilizado	para contextualiza- Identificado
Processo material passivo		Ator

que	linguagem	passivo (devidor)
de	Processo material	meta
A	característica	valor
que	linguagem	passivo (devidor)
de	Processo material	meta

LEGENDA 4



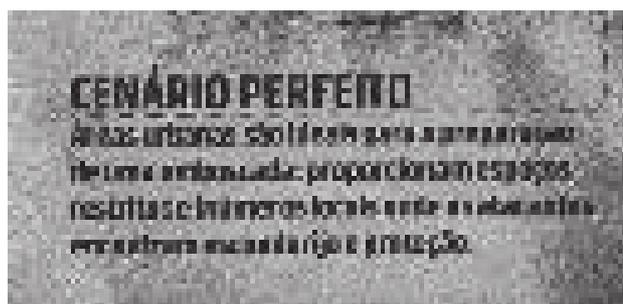
de	linguagem	passivo (devidor)	que	linguagem	passivo (devidor)	de	linguagem	passivo (devidor)
de	Processo material	meta	que	linguagem	passivo (devidor)	de	linguagem	passivo (devidor)
de	Processo material	meta	que	linguagem	passivo (devidor)	de	linguagem	passivo (devidor)
de	Processo material	meta	que	linguagem	passivo (devidor)	de	linguagem	passivo (devidor)
de	Processo material	meta	que	linguagem	passivo (devidor)	de	linguagem	passivo (devidor)

LEGENDA 5



Veículos	valor	meta	Formar	valor
Meta	Processo material passivo	meta	Processo material ativo	Meta
ou	valor	"delivery" de insumos	meta	
Construção	Processo material ativo			
Arquitetura	valor	ou favorito		
Característica identificada	Processo relacional identificativo intrínseco			Valor/identificador
ou	processo	instigação	com nichadas americanas	
Azer	Processo material	Meta	escopo	
que	partida	segundações		
Azer	Processo material	meta		

LEGENDA 6



As ambulâncias	de	terram para a população	proporcionam	capacidade de receber
Facilidade de	Existem locais e	Atividade paralela	Processo	o final das loca-
processamento de	atitudes e ideias		os locais	lidade
urgência				

nome	relacionado	relacionado	relacionado e agente
Coexistência	Ação	Processo relacional	ação

LEGENDA 7



Regras de trânsito	em	manter	se	em funcionamento
Áreas		Processo relacional	ação	Escape
				Portador da ação seguinte

se	para	controlar
conectivo	Processo relacional atributivo circunstancial	Atributo de circunstância

como neste cenário, um que	um sistema	ilustra	processo
Circunstância de comparação	Portador	Processo relacional atributivo-circunstancial	Atributo de circunstância

e	um sistema	em	pelos sinais
Conectivo	Portador	Processo Relacional atributivo circunstancial	artefato

a orientação	de	figura a pi	de áreas de obras
Característica/identificador	Processo relacional identificativo intencional	Valor/identificador	Circunstância de local

aberto fogo contra os criminosos.
Circunstância de modo

Nas legendas, vemos o uso predominante de orações do processo relacional, que serve para caracterizar e identificar, são concebidos pelo sendo, representando mais o estático. Há também o uso de orações do processo material, entretanto, elas cumprem a função de descrever, exemplificando, o que é uma limitação para o processo relacional, considerado estático. Essa relação entre material e relacional é comentada por Halliday (2004: p. 216).

Além do mais, ao analisarmos a imagem do infográfico, veremos que as legendas são processos encaixados em elementos do visual. Defenderemos que as legendas são processos encaixados nas circunstâncias de meio e local da imagem do infográfico.

## 6. Metafunção ideacional – o visual

Na imagem do infográfico, temos como processo maior uma ação transacional bidirecional. O processo é de ação porque há vetores partindo dos participantes, que possuem papel duplo – atores e metas ao mesmo tempo –. Por causa desse duplo papel, nesse processo, os participantes são chamados de inter-atores. Por haver atores e metas, o processo é classificado como transacional.

Os inter-atores desse processo na imagem são os chamados insurgentes pelo infográfico e os soldados americanos. Essa relação entre primeiro plano, centro e fundo define a posição dos participantes no cenário, ajudando a defini-los como participantes. Como vemos os primeiros atiram nos segundos e vice-versa. Os vetores partem dos inter-atores insurgentes até os soldados americanos, que são as metas, ao mesmo tempo em que há vetores partindo dos soldados americanos até os insurgentes, que passam a ser metas também, por isso o processo é bidirecional.

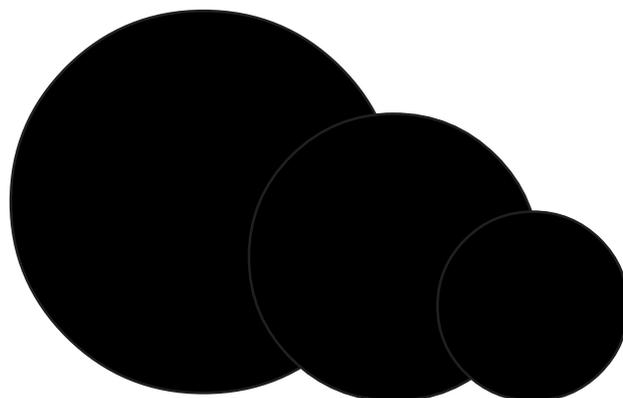
As circunstâncias de meio são os instrumentos usados pelos participantes no processo de ação, ou seja, o instrumento de onde parte o vetor. No infográfico, esses instrumentos são as armas utilizadas pelos insurgentes e americanos. É delas que partem os vetores. Aliás, os vetores são potencialmente definidos pelas linhas de fogo amareladas que partem das armas.

Como circunstância locativa, entendemos o posicionamento de um participante em relação a outro, a criação do cenário. Na imagem, temos como circunstância de local o cenário de combate em uma rua. Os inter-atores insurgentes estão posicionados no primeiro plano e ao centro os soldados americanos e no fundo outros participantes. Essa relação entre primeiro plano, centro e fundo define a posição de atacantes dos insurgentes e vítimas dos americanos, que, no entanto, se defendem.

No fundo, localizados no alto dos escombros de um prédio, temos outros participantes, que funcionam como circunstâncias e não atores. Embora estejam, alguns, projetando vetores, eles estão numa posição que reforça a ideia de cerco ou emboscada, como utilizado no infográfico, aos americanos. Isso ocorre com a ambulância, também posicionada ao fundo. O veículo em explosão, meta de outro processo encaixado neste como veremos depois, é um participante localizado a frente do veículo central e muito a frente da ambulância. Essa posição também indica a posição “sem saída” dos americanos na emboscada. Isso também demonstra que, embora o processo bidirecional seja simultâneo, não é proporcional. A posição dos inter-atores americanos sugere desvantagem, apesar de também serem atores.

Essas circunstâncias locativas também definem qual é o processo maior nessa estrutura que Kress e Van Leeuwen, (2006: p. 109) chamam de estrutura multidimensional, isto é, processos encaixados em outros processos. No canto direito do infográfico, no primeiro plano, temos um outro processo encaixado no processo que apresentamos acima. Trata-se de um processo de conversão, formado por um ator – insurgente que segura um celular –, um revezador – a bomba – e a meta – veículo em explosão –. O processo de conversão tem como característica principal o participante revezador que é ator de um processo e meta de outro. Primeiro temos um vetor partindo do insurgente até a bomba e outro vetor da bomba ao carro em explosão.

Como circunstância de modo, temos o celular na mão do insurgente de onde parte um vetor em forma de ondas. Kress e Van Leeuwen, (2006: p. 71) chamam esse tipo de vetor de amplificado, que sugere freqüência. Visualmente, o vetor entre a bomba e o veículo é representado pelo amarelo da explosão debaixo do participante. Ainda menor, há outro processo encaixado a esse. A estrutura do desenho da bomba é analítica topológica. Há uma relação de representação entre o todo/portador – a bomba – e suas partes/atributos possessivos, nomeadas verbalmente por grupos nominais. A estrutura multidimensional da imagem do infográfico é representada no esquema abaixo:



**INTEGRAÇÃO ENTRE VERBAL E VISUAL**

	Processo	Participante	Relação	Processo	Participante	Relação
Ator	Insurgente	Insurgente	Ator	Insurgente	Insurgente	Ator
	Insurgente	Insurgente	Ator	Insurgente	Insurgente	Ator
	Insurgente	Insurgente	Ator	Insurgente	Insurgente	Ator
	Insurgente	Insurgente	Ator	Insurgente	Insurgente	Ator
Revezador	Bomba	Bomba	Revezador	Bomba	Bomba	Revezador
	Bomba	Bomba	Revezador	Bomba	Bomba	Revezador
	Bomba	Bomba	Revezador	Bomba	Bomba	Revezador
	Bomba	Bomba	Revezador	Bomba	Bomba	Revezador
Meta	Veículo	Veículo	Meta	Veículo	Veículo	Meta
	Veículo	Veículo	Meta	Veículo	Veículo	Meta
	Veículo	Veículo	Meta	Veículo	Veículo	Meta
	Veículo	Veículo	Meta	Veículo	Veículo	Meta

## 7. Considerações

Constatamos que há na revista *Superinteressante* a categoria de infográficos de orientação ao conhecimento, cujo objetivo didático é explicar como é ou foi um fato geo-histórico, como é ou funciona um objeto tecnológico ou fenômenos bio-físico-químicos. Essa categoria se divide em dois tipos de infográficos.

No que se refere à relação entre leitor e texto, o leitor integra imagens e texto verbal, o que é fator primordial para que um infográfico informe bem. Dessa relação advém a informação principal do infográfico. Nos infográficos de informação simultânea, a organização centro e margem das informações favorece a saliência da informação principal, posicionada como informação nuclear. No infográfico de linha do tempo isso se dá na relação entre legendas numeradas sequencialmente e imagens que se relacionam a elas. Isso denuncia também a necessidade dos infográficos em evidenciar o objeto a ser explicado. As estruturas do visual predominantes nos infográficos favorecem a saliência das informações.

Também parece que os modos verbais e visuais carregam informações diferentes, porém eles podem estar relacionados como visto.

O que queríamos mostrar como novidade é a simultaneidade dessas informações através da integração entre os modos. Ao se deparar com este infográfico, o leitor iniciaria por qual informação, por qual modo? E, a partir dessas escolhas estratégicas, qual seria o produto de sua leitura? Haveria interferência na compreensão geral do texto, ou em partes dele? Como ele realizaria essa integração? Tal como fizemos neste artigo ou não?

Provavelmente, várias leituras são possíveis. Coscarelli (2003: p.03), autora do modelo de leitura seguido por nós, ressalta que

Não há linearidade no texto impresso, assim como também não há na leitura, e a existência de títulos, subtítulos, topicalizações, cadeias referenciais, entre inúmeras outras formas de marcar a diferença de status entre os elementos do texto, evidenciando muitas vezes uma hierarquia das informações (macroestrutura proposicional), é um dado que corrobora essa afirmação. Além disso, podemos dizer que a leitura nunca é linear, porque envolve o estabelecimento de relações, a ativação de diferentes informações, envolve lembranças e projeções, pausas para reflexões ou descanso, entre outros motivos, bem como a consulta a outros materiais, a volta a outras partes do texto; sem mencionar ainda que o leitor pode pular palavras, parágrafos, páginas, capítulos, ler o final para depois ler o começo

Se essa linearidade não é garantida nem mesmo em gêneros mais convencionais, tampouco o será no infográfico, que, como vimos, segue a lógica da disposição simultânea das informações, a que o leitor é submetido e a quem cabe escolher o que lerá primeiro.

## 8. Referências Bibliográficas

CABRAL, Danilo Cezar et al. Insurgência máxima. **Superinteressante**, v. 258, p. 50-51, nov. 2008.

COSCARELLI, Carla Viana. **Espaços hipertextuais**. Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição, jun. 2003, FAE - UFMG, BH. Coord.: Eduardo Fleury Mortimer, Ana Luiza B. Smolka. ISBN: 85-86091 (CD- ROM)

HALLIDAY, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. Edition, London: Arnold, 2004.

KRESS, Gunther. **Multimodalidade e aprendizagem**: novas perspectivas do conhecimento, representação e comunicação. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Palestra proferida na Visitas internacionais, promovida Pelo IEAT-UFMG, em Belo Horizonte, em 14/08/2008. Disponível em: [http://www.ufmg.br/ieat/index.php?option=com\\_content&task=view&id=374&Itemid=9](http://www.ufmg.br/ieat/index.php?option=com_content&task=view&id=374&Itemid=9), Acesso em 20 out. 2008.

KRESS, Gunther e VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006 (original de 1996).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. Parte I: Suportes teóricos e práticas de ensino. IN: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. (orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2002. P.19-36.

PAIVA, Francis Arthuso. **O gênero textual infográfico**: leitura de um gênero textual multimodal por alunos da 1ª série do Ensino Médio. 2007. 78 f. Monografia (Especialização em Leitura e Produção de textos) – Instituto de Educação Continuada, Pontifícia Universidade Católica, 2008.